

2 Pedro

Diante do juízo, o que fazer?

Em nosso último encontro estivemos meditando sobre o tema: **Aparente demora**. Em tempos de internet rápida e fast food, queremos tudo sendo resolvido o mais rápido possível. No mundo empresarial, cada vez temos como: Prioridade zero ou quero o trabalho para ontem tem estado na boca dos chefes.

Com isso trazemos à nossa cultura algo pecaminoso, que nos coloca no centro de tudo, e assim temos de ser satisfeitos o mais rápido possível, senão choramos...

2 Pedro 3:9 Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam atrasada; pelo contrário, o que ele está é demonstrando paciência para convosco, porque não quer que ninguém se perca, mas que todos cheguem à conversão.

A segunda volta de Cristo, para muitos parece um disparate... Como assim Jesus não volta logo? Por que a demora? Como explanamos na semana passada, a demora, que na verdade é apenas aparente, tem duas finalidades: Primeiro, cumprir o tempo designado pelo Pai e segundo, aguardar que todos os eleitos de Deus se convertam. O tempo só vai se findar com a conclusão dessas duas premissas...

Diante do juízo, o que fazer?- Abra a Palavra de Deus...

2 Pedro 3:11-12 Se todo este mundo está fadado a se desfazer, qual não deve ser a santidade do vosso viver e da vossa piedade, esperando e apressando a vinda do dia de Deus, quando o céu se desfará em fogo e os elementos se derreterão abrasados?

Que impacto as informações sobre o fim do mundo têm sobre o homem? A palavra tudo é inclusiva, pois se refere a tudo o que Deus criou. O homem também é parte da criação de Deus, e também perecerá. Quando ocorrer a destruição, o ser humano inevitavelmente se encontrará com seu Criador e Juiz. Antes da chegada do dia do juízo, Deus concede ao ser humano um período de graça para refletir sobre questões morais. Como sempre no Novo Testamento, a ordenança moral segue o caminho escatológico. A expectativa da volta do Senhor sempre inspira nos cristãos uma vida santa (1 Jo 2:28). A descrença na volta do Senhor produz a indiferença no comportamento, assim como acontecera com os mestres do engano.

Há uma ligação indissolúvel entre a conduta de uma pessoa e a sua convicção. Tenho três exemplos daquilo que acontece quando os homens rejeitam o conceito da causa final da história, que não é o ser humano e sim a crença de que a criação tem um alvo, um clímax. Esta rejeição leva:

- À busca única da felicidade como razão de vida: Eu era nada; eu sou nada; mas ainda vivo, então eu vou comer, beber e ser feliz;

- À apatia: Eu era nada; eu sou nada; logo vou deixar a vida me levar;
- À desesperança e ao desespero: O que há embaixo? Trevas profundas. Mas o que se diz dos caminhos para cima? Todos são uma mentira... Então estamos perdidos.

Sem a verdade, incorporada na segunda vinda, de que a vida está se encaminhando para algum lugar, não sobra nada em prol do qual vale a pena viver.

No meio de uma existência precária e num mundo precário, é importante ter em mente, conforme este versículo nos relembra, que as pessoas são mais importantes do que as coisas. Tendemos tão facilmente a esquecer-nos disto. Deslisamos para o hábito de pensar que o mundo é mais duradouro do que seus habitantes. Pedro nega isto.

As pessoas são mais importantes e mais duradouras do que as coisas.

Num universo instável e perecível, o único fator estável e imperecível que importa é o ser humano. É com ele que Deus Se ocupa.

Pedro faz uma declaração de aos leitores: “qual não deve ser a santidade?”.

Ele desconsidera os escarnecedores, os quais, como ele disse, estão sendo guardados para o dia do juízo e destruição. Ao invés disso, ele desafia os destinatários da carta e a nós, a examinar cuidadosamente qual é o propósito de sua vida.

O verbo “dever” indica que há uma obrigação divina sobre os leitores; eles devem ser santos em tudo o que fizerem.

Pedro os exorta a viver na esfera da santidade de Deus, de modo que, quando esse grande e terrível dia chegar, eles continuem a viver na presença de Deus. (Continuidade) Os cristãos devem cultivar o viver santificado vivendo em plena consciência da presença sagrada de Deus, de modo que possam tornar-se pessoas irrepreensíveis.

O caráter do homem é a única coisa que ele pode levar com ele no dia de sua morte. Logo, quer escolhamos pensar na dissolução em termos pessoais ou universais, a qualidade da vida que levamos à luz desta destruição vindoura é de suprema importância. Pedro, como sábio pastor que é, conclama seus leitores a refletir, e a aplicar-se às verdades que acaba de anunciar.

Pedro extrai três conclusões práticas de todo esse livro de 2 Pedro: *A santidade da vida, a adoração a Deus e o serviço aos homens.*

Estas qualidades devem estar permanentemente presentes em nossas vidas, em contraste com a imprevisibilidade das circunstâncias que nos envolvem, num mundo em que todas as coisas vão ser dissolvidas.

Os cristãos, então, devem olhar para o futuro e esperar a volta do Senhor levando vidas santas e piedosas. Pedro acrescenta à oração “apressam a sua vinda” e assim está dizendo que temos um papel vital em apressar a vinda do dia de Deus. (1 Co 16.22; Ap 22.20). Além disso, está em conformidade com o pedido venha o teu reino (Mt 6.10).

Em seu discurso sobre o último dia, Jesus instrui seus seguidores a proclamarem o evangelho a todas as nações. “Então virá o fim” (Mt 24.14).

Espera-se dos cristãos que aguardem a vinda do Senhor, mas o próprio Jesus não nos manda vigiar? Conclui-se que esta espera não significa inatividade piedosa e sim em ação. Isto porque, por mais maravilhoso que pareça, podemos realmente apressá-la. Noutras palavras, o cronograma do advento depende, até certo ponto, do estado da igreja e da sociedade. Que conceito maravilhosamente positivo da relevância do nosso tempo na terra! Não é nenhuma espera infrutífera até que o fim ocorra.

Visa ser um tempo de cooperação ativa com Deus na redenção da sociedade.

Essa era entre as duas vindas de Cristo é a era da graça, uma era do Espírito, marcada pelo evangelismo.

Embora o evangelismo pareça ser o modo principal de apressarmos a segunda vinda do Senhor (Mc 13:10), não podemos confinar nossos preparativos apenas nesse proceder. Não podemos excluir: Nosso clamor: “Venha o teu reino” (Ap 8:4); nem o comportamento cristão (Fruto do ES); nem o arrependimento e a obediência (At 3:19-21). Todas estas coisas contribuem para o alvo final.

Os rabinos judeus tinham dois ditados apropriados: “São os pecados do povo que impedem a vinda do Messias. Se os judeus se arrependessem genuinamente por um só dia, o Messias viria”, e “Se Israel guardasse perfeitamente a Torá por um dia, o Messias viria.” É o desânimo dos cristãos, sua desobediência e falta de amor que atrasam a vinda do dia de Deus ou o dia do Senhor.

O julgamento mais uma vez é visto em termos de fogo, fogo que destrói as escórias e purifica o ouro. Mas o cristão que está vivendo em contato com Cristo enfrentará o conceito da dissolução de todas as coisas sem aflição e até mesmo com alegria.

É assim que o fogo que enche de terror o coração dos escarnecedores pode ser apresentado aqui como um incentivo para os fiéis.

Paulo faz exatamente o mesmo uso dele em 1 Coríntios 3:10 ss.

2 Pedro 3:13 Segundo sua promessa, esperamos um céu novo e uma terra nova onde habitará a justiça.

a. Promessa. Os cristãos não precisam temer quando ficam sabendo que o fogo destruirá a criação de Deus. Vivendo em comunhão com Deus, eles pertencem a Ele e sabem que Deus os mantém em segurança. Além disso, têm Sua promessa para lhes servir de garantia. Qual é essa promessa? Nas três ocasiões em que a palavra promessa aparece (4,9,13), Pedro coloca o termo no contexto do dia do Senhor.

A promessa é que “no princípio criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1); no fim dos tempos, ele criará novos céus e nova terra. Essa mensagem do Antigo Testamento tem seu paralelo no penúltimo capítulo da Bíblia. João escreve: “Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram” (Ap 21.1).

b. Renovação. Pedro escreve que “aguardamos um novo céu e uma nova terra”. Ele toma emprestadas as palavras da profecia de Isaías 65:13,17; 66.22).

Pedro enfatiza o adjetivo novo em sua escolha das palavras.

Com a palavra novo, Pedro ensina que essa nova criação surge a partir da antiga criação, ou seja, o velho dá à luz o novo.

“O dilúvio não aniquilou a terra, mas a transformou; assim como a nova terra foi consequência do dilúvio, assim também os novos céus e a nova terra serão consequência do fogo”. O termo céus se refere ao céu atmosférico, e não ao lugar de habitação dos santos glorificados. Essa habitação não precisa de renovação, pois mantém-se intocada pelo pecado.

c. Lar. Por causa do pecado, toda a criação de Deus tem gemido (Rm 8.22). Ela aguarda ansiosamente o dia em que a criação será liberta dos grilhões do pecado para compartilhar da glória dos filhos de Deus. Nos novos céus e nova terra Ele lança fora o pecado, e, assim, liberta a criação de sua escravidão.

Pedro chama essa nova criação de “lar da justiça”. O apóstolo personifica o termo justiça e diz que ela tem residência permanente nos novos céus e nova terra.

O pecado, que maculou o mundo de Deus, não terá a última palavra.

Num mundo renovado, as devastações da queda serão consertadas pela glória da restauração. O paraíso perdido se tomará o paraíso restaurado, e a vontade de Deus finalmente será feita igualmente na terra como no céu.

Pedro não sabia melhor do que os profetas do Antigo Testamento de qual maneira isto seria realizado. E nem nós sabemos mais sobre o assunto hoje.

Não temos qualquer maneira de conceber como será um corpo da ressurreição ou um universo restaurado, mas todo o mal será destruído e as nações dos salvos nenhum desejo terão senão fazer a vontade do seu Pai celestial e viver em Sua presença.